

Portugueses: continentais e insulares no Vale do Rio Pardo/Rio Grande do Sul-Brasil

Autor(a): Véra Lucia Maciel Barroso | **Saiba mais sobre o(a) autor(a)**

Tema: História

Subtema: História das Comunidades Açorianas Brasil

Referência geográfica do conteúdo: Rio Grande do Sul, Brasil

Data de publicação: 17/05/2009

Línguas disponíveis: Português

RESUMO

O texto aborda sobre a presença açoriana no povoamento da área missioneira, situada na região oeste do estado do Rio Grande do Sul/Bras apresentado o cenário histórico em tempo da disputa do território, entre os portugueses e os espanhóis, sobretudo durante a segunda metade d é mostrar o papel dos povoadores ilhéus e continentais lusos na conquista do espaço que acabou por ser incorporado definitivamente ao domí Tratado de Badajós em 1801.

CONTEÚDO

A

disputa territorial ao sul do domínio português na América, conforme rezava o Tratado de Tordesilhas (1494) tem sido intensamente trabalhada i do Rio Grande do Sul, como de outros estados brasileiros e do mediterrâneo do Prata.

A historiografia colonial sul-rio-grandense, sustentada teoricamente por diferentes correntes é unânime, na importância da política portugues: XVIII, que determinou a bem sucedida conquista da então Capitania do Rio Grande de São Pedro.

Com a fundação da Colônia do S. Sacramento, em janeiro de 1680, deu-se a arrancada do avanço lusitano sobre o território de Espanha na Am Para além dos embates militares entre as duas coroas ibéricas, o ciclo do tropeirismo desencadeado na aurora dos 1700 foi decisivo para a oco do Rio Grande do Sul. O litoral gaúcho palmilhado por tropeiros que foram se arranchando e requerendo sesmarias, possibilitou a posse de par e por ele concedidas.

Os caminhos do litoral, com a subida da serra, rumo aos campos de Lages e Curitiba para alcançar Sorocaba em São Paulo estabeleceram u base povoadora, que até meados do século XVIII, a ocupação portuguesa já se mostrava nítida e evidente, para além do corredor litorâneo, a Cima da Serra, nas pradarias da Vacaria dos Pinhais. Era uma realidade irreversível, este avanço português, ainda que resistida pela vizin resultaram tratados, notadamente o de Madrid, assinado em 1750 e que foi vital para a expansão lusa, para além do leste, empurrando a fron direção do Rio Uruguai.

É sabido que a calha do Rio Jacuí já vinha recebendo povoadores em nome de Portugal, no fluxo dos confrontos militares. Mas, será a co determinou que o espaço do oeste missioneiro fosse incorporado a Portugal em troca da área da Colônia do Sacramento para a Espanha, q fundante do avanço português no (e para além do) Vale do Rio Pardo. Portanto, lusos continentais e luso-brasileiros estão, a partir da segund demarcando o espaço em conquista, a oeste. E aí está a Grande Rio Pardo.

O que ocorre é que a coroa portuguesa destinou, então, à região missioneira, os açorianos, que estavam em busca de terras além mar, visto dificuldades concretas de nelas permanecerem. Emigrar urgia!

Os chamados casais de número começaram a chegar a contar de 1752, rumo a Rio Pardo, recém fundada, para atender às necessidades dos do Tratado de Madrid. Entretanto, os índios missionados, forçados a abandonarem seu território a serviço de Espanha resistiram e deflagraram conflito arrastou a demarcação que acabou sendo suspensa e o Tratado anulado, anos depois, em 1761 com o Tratado de El Pardo. Mas chegado e para sobreviverem tinham que se localizar para agricultar a terra, na esperança do chão prometido.

Situando-se inicialmente no litoral sul e cercanias, ponto de chegada, a invasão espanhola de 1763 vai provocar sua dispersão em fuga po levando os açorianos a se espalharem, via Lagoa dos Patos e calha do Jacuí, não só na direção do litoral norte, centrando-se parte deles na aí (depois Porto dos Casais, a atual Porto Alegre), como também rumo ao oeste, fazendo nascer povoados no Vale do Rio Pardo e seu entorno.

Somente nas três décadas finais do século XVIII é que as terras passaram a ser oficialmente concedidas aos açorianos.

No Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul existem três códices (documentos encadernados), relativos aos anos de 1770 a 1800 com os re propriedades aos ilhéus, homens e mulheres, alguns já viúvos ou viúvas, face os reveses da travessia e o enfrentamento do palco cênico de gue Como soldados e agricultores estavam na nova terra a serviço do reino pátrio. Foram artífices da ampliação da fronteira lusa que ajudaram extremo Jacuí, alcançando o disputado solo missioneiro.

Ainda que o Tratado de Santo Ildefonso, assinado em 1777 tenha feito recuar, e muito, a posse portuguesa no Rio Grande do Sul, a criação dos brecha que colaborou na indefinição dos limites entre as coroas na região, estimulando assim, a partir de então, a difusão da política de concess acelerada e incessante. Foi a tal ponto que o servidor da coroa espanhola na antiga São Gabriel - Félix de Azara -, ao escrever sua Memória F ao seu rei, que sem cessar estabelecimentos portugueses avançavam sobre os seus domínios. E evocava a urgência de se tomarem medidas, anos, a Espanha poderia vir a perder o referido território. Era o ano de 1801 - maio. Não levou quatro anos. Passados quatro meses (e não 2 ano, deu-se a tomada das Missões pelos portugueses, mantido pelo Tratado de Badajós, logo assinado, consumando definitivamente o R território português, até a independência brasileira. Mas aí é outra história.

O estudo das propriedades na metade ocidental do Estado precisava ser ampliado e detalhado. Muito mais é sabido das concessões das terras: os primeiros que as receberam e seus sucessores.

As propriedades açorianas, acima referidas, estão transcritas e de acesso público na obra Açorianos no Brasil, editado pela EST em 2002. Das da metade acolheram os registros das ditas terras. É interessante debruçar-se sobre tais dados para mapear a geografia açoriana do RS.

Nesta breve comunicação, quer-se trazer alguns dados que ditos registros oferecem, dirigidos para o foco em estudo: o Vale do Rio Pardo. Há registros que claramente evocam a toponímia na atualidade conhecida. Entretanto, na sua grande maioria, os nomes dos acidentes geogr (grande parte, indígenas) ou referem pontos, hoje inexistentes, como o capão do seu fulano, ou a árvore de aroeira onde foi fincado um pau. Assim, vai se apresentar aqui as propriedades que evocam diretamente o nome Rio Pardo, tendo o cuidado de não se imaginar o município atu: oeste do Jacuí.

Encontram-se referências de registros dizendo situarem-se as terras: na Fronteira do Rio Pardo, ao descer a serra para o Passo das Carretas (972), entre o Jacuí, Boqueirão e a Estrada Real (p. 973); na paragem Cavalhada (p. 976); morador no Quartel de Rio Pardo (p. 955); na varger Jacuí/Campo do Jacuí (p. 998); em Rio Pardo na estrada para a Aldeia de São Nicolau e Passo do Couto (p. 1023); atuou no Regimento dos l 1009); no outro lado do Rio Pardo (p.978 e 1001); no Rio Pardo, povoou Pequeri, no tempo se que entrou para as Missões (p. 993); no Rio de 986, 988).

Certo é que a grande Rio Pardo recebeu muito açorianos, conforme atestam os registros, sem esquecer do grande número de propriedades Santo Amaro, Taquari, Triunfo e Cachoeira.

Desfilam os sobrenomes (apelidos): Porto, Franco, Freitas, Teixeira, Moraes, Pimentel, Bastos, Silveira, Ávila, Matos, Vianna, Gularte, Die Pereira e tantos outros.

Deixa-se o estímulo aos pesquisadores do Vale do Rio Pardo para a reconstituição do mapa português da ocupação das terras da região, primárias, agora mais acessíveis, na obra citada.

Depois outros chegaram, já no século XIX, vindos da Europa em outras condições e com outras possibilidades de acolhimento no Rio Grande c

deste período é mais abundante e mais próxima, o que não acontece com a fase da conquista e povoamento inicial que os portugueses em também documental é um limite para a leitura mais evidente e real da história vivida por aqueles que foram os pioneiros (depois dos nativos) p

Pardo e banda oeste do Estado.
Impõe-se, portanto, uma releitura, como ora se está fazendo, em painel, do mosaico étnico do espaço em estudo, para que o esquecimento n

secundarizar o papel dos portugueses, continentais e insulares na formação social da Grande Rio Pardo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Luiz Antônio. *Memorial açoriano: genealogia do século XVIII: Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, 2005.

BARROSO, Véra Lucia Maciel. (Org.). *Açorianos no Brasil: História, Memória, Genealogia e Historiografia*. Porto Alegre: EST, 2002.